

**Para José Ronaldo Mendonça Fassheber,
ou simplesmente, Zeh (in memoriam)
Palavras que te (in)definem**

*For José Ronaldo Mendonça Fassheber, or
simply, Zeh (in memoriam) Words that (in)define
you*

*Para José Ronaldo Mendonça Fassheber, o
simplesmente, Zeh (in memoriam)
Palabras que (in)definen*

Liliane da Costa Freitag

Universidade Estadual do Paraná (Campus Paranaguá)

liliane.freitag@unespar.edu.br

Era uma tarde, igual a tantas que vivi nos dias que se seguiram a morte de meu companheiro: o tempo desfeito guardava o instante! Dentre tantos apoios e palavras solidárias, dentre tantas mensagens de afeto recebi um lindo e carinhoso telefonema que me delegou uma das mais sensíveis e difíceis tarefas da minha vida. Escrever, um texto em homenagem àquele que, em 2006 na brilhante tese: *Etno-Desporto Indígena: contribuições da Antropologia Social a partir da Experiência entre os Kaingang* cravou o termo *Etno-Desporto*, noção essa, conforme seu autor costumava dizer; ‘soprada de modo quase informal’ antes mesmo de ter sido conceituado antropologicamente’.

De lá para cá, o termo *Etno-Desporto Indígena*, e por extensão, *Etnoesporte indígena*, têm figurado no campo acadêmico com nuances e critérios de cada pesquisador. A despeito disso, José Ronaldo nos ensinou que mais do que um termo composto, o *Etno-Desporto Indígena* expressa processos de resignificação de valores culturais, corpos e identidades sociais e evoca a reinserção com o mundo dos brancos. O *Etno-Desporto*, como foi proposto na sua produção acadêmica resulta da mimesis. Essa ‘segunda natureza’, - longe de se distanciar da cultura, é parte constitutiva dela.

Dr. José Ronaldo Mendonça Fassheber, Zeh Ronaldo ou simplesmente Zeh, como vou chamá-lo daqui em diante, partiu sobretudo da obra de Taussig (1993) para utilizar o conceito de mimesis, no qual a faculdade mimética pertence à “natureza” que cada cultura tem de criar uma “segunda natureza”. Esta faculdade, no entanto, como ele bem explicou, nos capítulos III e IV do premiado livro *Etno - desporto indígena: a Antropologia Social e o campo entre os Kaingang* publicado em 2010 e na tese em 2006, não ocorre meramente pela cópia do original. Ao contrário, Zeh Ronaldo aponta para as resignificações que cada cultura consegue do original, influenciando esse original. Com efeito, esse processo foi visto quando tratou dos processos de mimesis do esporte das aldeias, principalmente pela introdução do Futebol entre as populações indígenas e em particular entre os Kaingang.

Zeh Ronaldo era um humanista. Transitava em diversos campos e isso explica em partes o fato de sua produção ter sido acompanhada pela eterna sensação do ‘não estar de todo’ (na Educação física ou na antropologia e

posteriormente na história, e mais recentemente na biologia). Como ele próprio se atribuía: era um trabalhador da História, Etnologia Indígena, da História e da antropologia do corpo e da saúde, dos Jogos Tradicionais e do Etno-desporto. Também desenvolveu pesquisas e orientações em História ambiental e Antropoceno. De fato, um capital simbólico invejável: privilégio para poucos, que não estão aprisionados por uma só essência ou pela linearidade ilusória de uma biografia acadêmica rígida ou do dito ‘sangue puro’, essencialização cartesiana que sempre criticou com veemência.

Mas posso ir além! Me permito dizer que Zeh era um humanista desenraizado: é isso, afinal, que faz um antropólogo, segundo Lévi-Strauss – e que acaba se expressando no que Roberto Da Matta (1981) chamou de anthropological blues: que se forja de uma intrigante mistura de sofrimento e paixão.

Não tenho dúvidas que isso elevou sua produção, fato determinante para que fosse agraciado pelo Ministério do Esporte, com o 1º Prêmio Brasil de Esporte e Lazer de Inclusão Social publicado em (2010) e com o prêmio de Melhor Ensaio Nacional: Pensando as Políticas Públicas, na mesma ação do Ministério do Esporte.

De lá para cá, o campo continuou forjando o seu ‘fazer ciência’ e, como antropólogo seguiu demarcando territórios não mapeados e, em especial, acompanhando os indígenas que se movem através deles.

A fluidez entre os campos que não permitia um enquadramento cartesiano de suas ideias refletia na forma de olhar a realidade que o cercava. Era uma ‘vida de desassossego’, vivia como autor de um tratado cotidiano sobre a vida e suas mazelas, talvez porque como etnógrafo da própria vida, sentiu por um bom tempo na pele a angústia de construir uma identidade autoral autônoma: sem caixas que o definissem.

Afinal, havia a necessidade de definir onde começava o antropólogo e onde terminava o cientista do esporte e do corpo? Esse enquadramento sempre esteve fora de questão.

A identidade do antropólogo José Ronaldo foi construída ao ‘fazer o campo’, quando ‘mergulhou’ na Aldeia Kaingang em Palmas, PR, quando teceu diálogos com a etno-história e a história indígena, quando se embrenhou nos

arquivos como um historiador, quando refletiu sobre os jogos indígenas como um sociólogo que buscou nos clássicos pontos de interlocução ou ainda quando, ao meu ver quando fazia de seu escritório seu refúgio, sua caverna de vida e de história.

Quem foi seu aluno também pode vivenciar a rica experiência do estranhamento de si, ao conhecer os comportamentos exóticos dos ‘Nacirema’! Esse povo de rituais estranhos descrito por Horace Miner em 1956 era leitura obrigatória a cada início de curso de antropologia cultural.

Suas aulas, (de)formavam o olhar para que seus alunos pudessem, por meio do distanciamento necessário, problematizar suas crenças e verdades para finalmente entenderem que são meras construções sociais e portanto, não nasceram de um tratado divino. Em sala de aula, Bakunin era uma citação certa. Da mesma forma, a icônica frase de Clifford Geertz acompanhava todo seu enredo: “[...] se quiséssemos verdades domésticas, deveríamos ter permanecido em casa.” (GEERTZ, 2000, p. 65).

Como um ‘mercador de espanto’ Zeh se encarregava de apregoar o anômalo dizendo:

Examinar dragões; não os domesticar ou abominá-los, nem afogá-los em barris de teoria, é tudo em que consiste a antropologia [...]. Temos procurado, com sucesso nada desprezível, manter o mundo em desequilíbrio, puxando tapetes, virando mesas e soltando rojões. Tranquilizar é tarefa de outros; a nossa é inquietar. Australopithecus, Malandros, Cliques Fonéticos, Megalitos: apregoamos o anômalo, mascateamos o que é estranho, mercadores que somos do espanto.” (GEERTZ, 2001, p. 65).

Participar dos inúmeros cursos que ministrou, quer seja na graduação ou pós-graduação, uma ‘Aventura Antropológica’ certa!

Zeh Ronaldo, como antropólogo que era, em vez que se enraizar num território de certezas buscava estranhar a si mesmo e a sua ciência. Não se limitava a ensinar métodos ou teorias antropológicas, mas refletia sobre o método que praticava. Como um misto de dádiva e maldição, suas reflexões resultaram da proximidade e da distância entre experiência e texto pautadas nas categorias de pensamento de Malinowsk, Gueertz, Taussing, Mauss, Evans-

Pritchard Foucault, Norbert Elias, Lévi- Straus, e tantos outros que forjaram esse ‘Estranho no ninho’ (termo esse que remete a uma de nossas produções publicada em de 2011).

Dito isso, me permito dizer que não há exercício antropológico que consiga separar, colocar de lado, na tessitura desse texto, minhas memórias e as memórias que compartilhei com o Zeh ao longo dos 23 anos que vi nascer e amadurecer seus quadros analíticos. Também presenciei a articulação de suas linhas de reflexão. Quer seja em debates teóricos acalorados ou em nossas conversas informais regadas a pitadas de ironia e até mesmo críticas, em relação ao modo como a ciência reproduz ou reforça simbolicamente as desigualdades com suas regras que impõe a competição entre os pares: ah!!! o implacável darwinismo acadêmico tão criticado por ele.

Eu estive lá, com Zeh Ronaldo, ao longo do conjunto da construção de seus dados, na escrita que partilhamos, - e isso inclui um capítulo desse Dossiê - mas também estivemos e permaneceremos juntos no livro que começávamos a produzir; livro esse que era uma promessa para 2024.

Fato é que minha escrita é marcada pela margem: transita entre lembrança, lacuna, história, luto, silêncio e esquecimento. Eis os trabalhos da memória, conforme nos ensinou Paul Ricœur (2007). Nesse sentido seria possível “montar uma ordem” cartesiana (dos fatos) sem mexer nas “peças soltas” da memória? A rigor, como nos sugere Ecléa Bosi (1987) as lembranças são como um diamante bruto que precisam ser lapidadas pela memória. As lembranças, portanto, guiam essa escrita - como “peças” montando uma história.

Nos conhecemos em 1998, como sempre digo, na ‘fria cidade de Palmas’, PR. Éramos colegas de profissão e docentes dos cursos de Licenciatura em História e Ciências Políticas e Sociais. Zeh Ronaldo era também docente no curso de Educação física na mesma Instituição: a Faculdade de Palmas, PR. Foi uma intensa amizade rodeada por autores e projetos de pesquisa. Era grande a vontade de ser 'gente grande'!

A união desses gostos iguais e temperamentos contrastantes fez nascer um ‘amor racional’ entre dois jovens em início de profissão. Um ano depois

resolvemos, como eu sempre digo, ‘reunir nossos livros’. Na época fui apresentada ao seu universo indígena, suas crenças e ritos corporais.

No ano seguinte, em 2000, fomos morar em Campinas. Enquanto eu cursava doutorado em História na Universidade Estadual Paulista, em Franca, Zeh Ronaldo, começou o doutorado na Unicamp. Orientado pela professora Dra. Maria Beatriz Rocha Ferreira, carinhosamente chamada por ele de Bea, selaram desde então, uma relação ‘para toda a vida’. E, ao cair de uma tarde na aldeia Kaingang (2001) onde o pajé, - seu Zé Maria celebrou nosso casamento: sem fotos, sem espetáculos, mas repleto de toda a energia do sol que se punha vermelho no horizonte, lá estava ela conosco, selando testemunho daquele ato de magia pura!

José Ronaldo, Zeh, e por fim, Jamujé - nome de batismo Kaingang que carregava com orgulho no peito, era de fato, um sujeito raro, porque em lugar de querer defender sua autoridade científica sobre o conceito de Etno- Desporto, preferiu a discrição ao holofote.

É sobre isso que se trata esse texto: deste ponto de vista, de uma ‘escrita sobre o outro’, mas também uma ‘escrita de si’ nas quais assumo essa posição reflexiva em relação a nossa história, aqui significada pelos trabalhos da memória, lapidada pelas lembranças e esquecimentos, mas também em relação à sua contribuição para a antropologia, para as ciências sociais, as ciências do esporte para a etno-história indígena, para as populações tradicionais e o meio ambiente. Esse último, com suas reflexões sobre o antropoceno e suas gentes.

Esse meu ‘olhar de fora’ e ‘de dentro’ é o que define o movimento do texto e, portanto, não cabe nele o pressuposto de uma “unidade do eu”, conforme nos ensinou Bourdieu (2006). Esta última é a ilusão de uma identidade coerente e específica, embutida na ideia de vida como um caminho, trajeto, estrada percorrida; uma série cronológica que definiria os projetos e intenções, que supostamente segue uma lógica prospectiva e retrospectiva e obedece ao postulado do sentido da existência do Dr. José Ronaldo Mendonça Fassheber - ou simplesmente Zeh - pesquisador, pensador, sujeito inquieto que não tolerava racismos, as faces do fascismo e as nuances da opressão, um verdadeiro inconformado com o conformismo, um combatente (a seu modo e jeito), rigoroso em prol dos povos tradicionais, ou de forma mais ampla,- Zeh - um

militante dos direitos (de humanos e não humanos), do Estado democrático de direito, do direito ao corpo, a vida e a dignidade.

Os estudos que produziu, como por exemplo, já na sua dissertação defendida em 1998, Saúde e Políticas de Saúde entre os Kaingang de Palmas/PR: o estudo das experiências humanas a partir de uma experiência pessoal, fizeram de ti, Zeh, um ‘nome próprio’!

Este texto é uma homenagem, mas que não define a totalidade desse sujeito, mas somente um breve fragmento de um instante de vida entrecortado pela subjetividade de quem escreve. Somos somente uma roupagem impressa em nossos textos! Por isso mesmo, com esse pequeno texto, pretendi travessar a tua essência, Zeh, buscando uma trajetória, livre da ilusão retrospectiva e da ideologia do dom e da predestinação.

Enfim, procurei buscar na imensidão de nossas experiências partilhadas, sentidos que permitam os leitores, - ainda que mergulhados em minhas subjetividades, um breve desenho trêmulo, incompleto e por fim, inacabado como devem ser as nossas pesquisas. Sem a pretensão, portanto de desenhar a curva de um destino ou marcar com precisão todos os pontos que considero verdadeiramente importantes pelos quais passou, pretendi um tracejado quase primitivo a respeito de um ser humano singular que a ‘fria cidade de Palmas’ me presenteou naquele ano de 1998 e que levei ao mar, em forma de cinzas, em fins de outubro de 2023, fazendo desse ato, meu último presente simbólico dedicado a ti: a tua libertação!

Partiu como os Tupinambás descritos por Viveiros de Castro (2002) como um ser humano de “radical incompletude” que me deixou e nos deixou absolutamente atraídos pela alteridade e que nos faz enxergar o outro, o diferente não como exótico, mas enxergar a nós mesmos como exóticos que somos.

Abrace o mar, mas também as montanhas e os animais. Sobreviva; não somente como uma citação acadêmica, embora importante e necessária para a nossa existência como autores e pesquisadores, mas sobretudo nas lembranças e nos afetos, na voz dos milhares de alunos e alunas que passaram por ti. Siga através de seus leitores, colegas de profissão e amigos, - tanto aqueles mais recentes, quanto aqueles de longa data, - seus poucos, porém preciosos irmãos

do peito. Siga através de todos aqueles que um que um dia foram 'tocados' por esse inquieto e desassossegado sujeito.

Siga nas memórias construídas com nossas filhas, e com Tarsila que em 2012, aos quase sete anos, também foi levada para as águas. Ela, foi lançada na serena e límpida água da pequena cachoeira no fim da trilha na Aldeia do Sol, em Guarapuava, ele, como disse, levei ao mar na praia mansa de Caiobá, agora já liberto de suas dores e angústias, não curadas pela perda de nossa pequena fada, finalmente 'livre' vai se reencontrar com ela em forma de natureza.

Estaremos juntos nas minhas memórias dos eventos que participamos e em nossas publicações conjuntas. Estaremos juntos nas lembranças de épocas 'de sol' quente e brilhante [como aquela que a vida nos presenteou com a preciosa Tarsila ou quando chegou Hannah, depois Mel, ou como aquele vasto período em que a vida foi 'fria conosco' e levou cedo demais a nossa Tarsila.

Até um dia, Zeh, até o dia em que eu vá me desvencilhar de mim mesma e;

Te encontrar, com certeza

Talvez num tempo da delicadeza

Onde não diremos nada

Nada aconteceu

Apenas seguirei, como encantado

Ao lado teu

(Todo o sentimento - Canção de Chico Buarque)

Sigamos!

Liliane, ou simplesmente Li.

Prof. Dra. Liliane da Costas Freitag.



Foto 01 - Fassheber e presidente Lula, premiação - Ministério do Esporte, 2010.

Fonte: Arquivo da autora (professora. Liliane Freitag)

Liliane da Costa Freitag

Possui graduação em História pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (1991), mestrado em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (1997) e doutorado em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2007). Atualmente é professora Associada da Universidade Estadual do Paraná - UNESPAR. Tem experiência na área de História, com ênfase em História do Brasil, atuando principalmente nos seguintes temas: região, identidade, memórias, migrações, territorialidades e patrimônio documental.

E-mail: liliane.freitag@unespar.edu.br

Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/2488270747860832>

Recebido para publicação em novembro de 2024.

Aprovado para publicação em fevereiro de 2025.